

VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA FEMININA NEGRA NO BRASIL

Aluna: Heloísa Helena Bento

Orientador: Pe. Luis Corrêa Lima

Introdução:

Uma parte maior da população negra, em comparação aos anos passados, vem se reconhecendo, assumindo o seu lugar de fala. Percebemos esse aumento nas negras e negros, que se olham no espelho e se reconhecem como pessoa, que já não trazem em si o complexo de inferioridade, imposto pela experiência de um país colonizado. Hoje é comum o uso de cabelos black, trançados, rastafari. A presença, como protagonista, nos meios de comunicação vem contribuindo também para uma maior identificação e a certeza de que o sonho pode se tornar algo real. Contudo, uma grande parte da população ainda sofre com o racismo velado, estrutural, que os impede de crescer, e, também, com o racismo público, que ceifam as suas vidas.

Frantz Fanon em 1952 cita Aimé Césaire em *Et les chiens se taisaient*, em que ele diz: “Não há no mundo um pobre coitado linchado, um pobre homem torturado, em que eu não seja assassinado e humilhado.”. Parafraseando eu afirmo que: não há no Brasil uma pobre mulher, analfabeta, abusada, torturada, machucada, maculada, violentada, em que eu não seja assassinada e humilhada. Com o racismo todos sofremos.

Com a percepção dessa realidade, como a vida religiosa feminina pode auxiliar na construção de uma consciência em que as diferenças sejam valorizadas, não como chave de oposição, mas como degraus para a promoção daqueles que ainda não se descobriram como pessoa?

A vida religiosa quando assume a missão junto às populações mais carentes tem uma oportunidade ímpar de colaborar com essa descoberta e ajudar na formação da identidade/pessoa. Não como uma “missão colonizadora”, fala que ouvi uma vez de um negro norte-americano, mas como uma missão que valorize as diferenças e que, a partir delas, faça com que o indivíduo se reconheça como pessoa e de forma evangélica trace o seu caminho. E, quando assume a missão junto às classes A e B, tem a oportunidade de formar cidadãos voltados e comprometidos com a Boa Nova de Jesus Cristo.

Em um primeiro momento, foram realizadas leitura e pesquisa em alguns materiais bibliográficos que permitiram compreender toda a dinâmica da chegada de mulheres brancas ao novo Continente, bem como os motivos, e a necessidade e a construção de casas de recolhimentos, sendo uma oficial e outra não. E a entrada da mulher negra nessas casas. Ora servindo na casa grande como escrava e, raríssimas vezes, como parte do grupo ou fundadoras. Se houve fundadoras, essas ficaram esquecidas, tiveram seus nomes apagados pelo preconceito de uma época.

Observo que, nesses mais de quinhentos anos, a vida religiosa consagrada feminina e negra avançou, crescemos em número e nos é oportunizado o acesso aos estudos. Mas até que ponto somos aproveitadas dentro daquilo que optamos fazer ou que a congregação nos proporcionou fazer? Somos uma presença negra dentro de nossas congregações ou apenas nos tornamos co-irmãs? Somos incentivadas a buscar as nossas origens, a compreender a nossa história, a saber sobre a nossa ancestralidade ou ainda acreditamos e comemoramos o 13 de maio, esquecendo-nos que tivemos um 14, 15, 16... que desembocam em um 2020, quando vamos para as ruas gritando “vidas negras importam” quando morre um norte americano e ignoramos as mães pretas que perderam seus filhos, filhas para o tráfico ou para uma bala perdida?

A Covid 19 desnudou de vez aquilo que se encontrava escondido. Palavras como necropolítica, racismo estrutural, biopoder e relatos de muitos irmãos e irmãs nos interpelam para que, de forma evangélica, consigamos construir e ajudar um povo carente, ao léu, que sobrevive como ovelhas sem pastor.

Em uma de minhas entrevistas com uma irmã parda estávamos refletindo sobre a dificuldade que muitos pardos têm de se identificar com a raça negra, muitos assumem que não têm raça. Ao final, concluímos que essa dificuldade encontra morada em um não desejo de se identificar como negro, ou ser negro. O que de certa forma se externa na forma não assumida dos cabelos crespos ou na maquiagem muitas vezes usada para disfarçar características que são próprias do negro, como o nariz e os lábios. Aquela fala deixou transparecer o desejo pelo embranquecimento, uma certa negação daquilo que não é associado ao belo tão bem representado na obra do espanhol Modesto Brocos, *A redenção de Cam*, datada de 1895.

Este trabalho se inicia afirmando que a população negra vem se reconhecendo, assumindo o seu lugar de fala e que hoje há um grande número de negros e negras que se olham no espelho e se reconhecem como pessoa, não trazem em si o complexo de inferioridade, imposto pela experiência de um país colonizado. Percebo, no entanto, que ainda há um número bem maior que não conseguiu se libertar das amarras dessa colonização. Não conseguiu romper com o complexo de inferioridade, e ainda são apontados ou perseguidos, ou mortos.

As políticas afirmativas, como as cotas, tentam reparar um mal passado, mas se tornam insuficiente se, agregada a essas políticas, tem-se a deficiência de todas as outras coisas importantes para a formação do cidadão/pessoa, como saúde, esportes, direito a lazer e uma formação inicial que vise à pessoa como um todo, detentor de uma história.

Fanon, em seu livro *Pele Negra Máscaras Brancas* (pág.47), nos diz que “o importante não é educá-los”, aqui se referindo à educação universitária, mas “levar o negro a não ser mais escravo de seus arquétipos”.

E na pág. 59 continua: “O problema é saber se é possível ao negro superar o seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico. No negro existe uma exacerbação afetiva, uma raiva em se

sentir pequeno, uma incapacidade de qualquer comunhão que o confina em um isolamento intolerável.”.

E para responder a pergunta: Como a vida religiosa negra pode auxiliar no crescimento das populações periféricas? Através do estudo, que não vem isento de dor e de desconstruções, e de descobertas, mas também de construções e saberes, de vontade e de profundas mudanças.

Desenvolvimento:

É imprescindível para a compreensão falar um pouco sobre a chegada das primeiras mulheres e a fundação das casas de recolhimento no Brasil colonial.

Segundo Riolando Azzi, as primeiras expedições vindas para o Brasil eram compostas majoritariamente por homens. Eles chegavam aqui para defender e conquistar territórios. A medida em que se conquistava mais espaços, aumentava a necessidade de mão de obra. Mão de obra barata. Sendo uma prática comum em terras europeias, a escravidão de negros não encontrou resistência para chegar até aqui.

Foi somente em meados do séc. XVI que os primeiros grupos de jesuítas chegaram com a missão de formar missionários aborígenes para a evangelização dos índios.

Os portugueses mantinham relações com as indígenas e as negras, mas não as assumiam em matrimônio e nem mesmo os filhos, que porventura gerassem. As primeiras mulheres brancas só chegaram a partir de 1530. Em princípio eram órfãs, que chegavam com o objetivo de contrair matrimônio com os colonos para que eles não se envolvessem com as mulheres negras e indígenas e favorecer o crescimento de uma classe branca e lusitana. A sorte não era a mesma para todas as que chegavam. Muitas, por conta da pouca idade, morriam na hora do parto, outras agarravam-se à sorte de uma nova vida e outras ficavam órfãs, e sem um protetor que as cuidassem, acabavam, para sobreviver, trilhando o caminho da prostituição. A medida que a população crescia, aumentavam-se os problemas. Se entre as mulheres negras, índias e brasileiras a prática da violência sexual era uma das geradoras do grande número de crianças órfãs, o medo da desonra, pelas mulheres brancas, também contribuía para o abandono.

Aos olhos dos missionários três problemas deveriam ser combatidos: a educação dos meninos indígenas, o amparo das crianças abandonadas que muitas vezes, para sobreviver, se prostituíam e a defesa da virgindade das mulheres. E com o intuito de minimizar esses problemas o Pe. Manuel da Nóbrega, SJ, desejou organizar casas, com uma estrutura semelhante a um convento.

Foi neste intuito que no séc. XVII foram criadas, no Brasil colonial, as primeiras casas de recolhimento.

O governo português não achava conveniente existência de mulheres celibatárias e consagradas no Brasil, e as poucas Instituições de vida religiosa femininas permitidas constituíram apenas concessões às pressões vindas da população. Após muita relutância foi permitido a abertura de instituições religiosas sob algumas condições: teriam que ser

contemplativas e de clausura. E estas atenderiam as mulheres brancas, que pertenciam a uma classe social mais abastada. Estas instituições estavam profundamente arraigadas às estruturas sócio-econômicas e políticas da colônia; exerciam um caráter social, político e econômico muito maior do que o caráter religioso. E com a proibição da saída de mulheres do Brasil, muitas recorriam à vida religiosa para migrarem para a Europa, outras para se libertarem da vida cativa proporcionada pelos pais, e muitas outras simplesmente eram forçadas pela família.

Desta forma, para que o sistema continuasse funcionando sem grandes dificuldades, era necessário fazer a essas mulheres uma série de concessões para que se mantivessem satisfeitas e submissas à situação que lhes era imposta.

Nessas condições não se percebia o servir cristão e essas mulheres, apesar de estarem na vida religiosa, não abandonavam nem seus costumes e nem seus caprichos. A sociedade não admitia que as mulheres brancas de classe senhoril se dedicassem a algum tipo de trabalho degradante ou considerado próprio de escravos.

Uma das soluções foi manter o regime escravocrata no convento, contrariando o rei Pedro II, que em 1716, proibiu a existência de escravos nos Recolhimentos e Conventos.

Em 1721, conseguiram a vitória contra as determinações do Rei; obtendo-se assim a autorização para ter servas, escravos e escravas no interior das instalações conventuais. Em 1775, a soma das escravas particulares, escravas da comunidade, escravo da comunidade e servas forras era mais ou menos três vezes mais que o número de religiosas professoras dentro dos Conventos e Recolhimentos em Salvador na Bahia.

Com bases nesses dados, podemos observar que trabalhar como escravo e servir na “casa grande” foram as primeiras portas para a entrada do negro e da negra nas estruturas conventuais. Há registros em que houve casas com um número três vezes maior entre servos e escravos do que o número de religiosas. Neste momento a população do Brasil era composta por: negros africanos, negros nascidos no país, brancos portugueses, brancos nascidos no país e os nativos da terra. Entre os negros, tínhamos os alforriados e os escravos.

Os votos particulares eram a saída para aquelas mulheres que não tinham condições financeiras para entrar na vida religiosa e nem “arrumar” um bom casamento. Mantinham a virgindade, uma vida reclusa e se dedicavam à caridade aos mais necessitados. Eram conhecidas como beatas e admiradas, pelo povo, como exemplo de virtude e santidade. Tínhamos: as beatas enclausuradas, que assumiam a clausura após a morte dos pais e as peregrinas, mulheres que haviam enviuvado.

Reconheciam-se dois tipos de vida religiosa no Brasil colonial, uma oficial vivida nos conventos e mosteiros destinados às mulheres brancas e ricas da classe dominante, e outra mais informal, não reconhecida oficialmente, que permitia o acesso daquelas que se viam excluídas da primeira possibilidade. Eram essas: índias, mulatas, negras, as brancas pobres e mulheres consideradas decaídas, certamente forçadas a prostituição por serem pobres e desprotegidas **que** desejavam libertar-se dessa condição penitenciando-se, as madalenas. Também aqui se percebia as diferenças de classe e de raça embora de forma menos marcante.

“Entre as mulheres pobres, brancas, mestiças ou negras, escravas ou livres, certamente muitas aspiram a uma vida religiosa conforme os padrões da época, ou mesmo com uma intuição mais profunda dos valores evangélicos. Fizeram-se beatas, peregrinas e penitentes, seguiram os eremitães e pregadores populares, dedicaram-se a educar meninas nos poucos recolhimentos onde eram aceitas, viveram sua forma de vida religiosa como servas nos conventos. Foi provavelmente entre as mulheres pobres e mais oprimidas que a congregação religiosa teve sua expressão mais autêntica, por serem vítimas e não cúmplices de injustiça, embora muito pouco saibamos de suas vidas e os documentos sejam omissos a tal respeito. É dos pobres, de fato, que brota a compreensão mais radical do Evangelho. É possível, pois, conjecturar que a vida religiosa feminina na cristandade colonial não tenha fugido a essa regra.” (AZZI, R, Rezende. M.V., 1983, p.60)

As casas de recolhimento, forma de vida religiosa informal, eram semelhantes em sua estrutura interna, aos conventos e mosteiros. Recolhiam-se do mundo para se dedicar à vida religiosa. As internas nas casas de recolhimento não faziam os votos e nem profissão, contudo viviam sob regime de reclusão total ou parcial, dependendo da instituição. Outra diferença, cita Luiz Mott em seu livro: “*Rosa Egípcia, Uma Santa Africana no Brasil*” (ano), era que enquanto nos conventos, mosteiros e abadias predominam as virgens e as donzelas, e excepcionalmente as viúvas honestas, desde os primórdios da cristandade os recolhimentos foram procurados por mulheres convertidas, muitas buscando, na vida comunitária e reclusa, a penitência, o amparo e a negação do errado passado.

Azzi afirma que sob o termo de recolhimento existiram quatro tipos de instituições diversas, destinando-se à educação de meninas, à reabilitação de madalenas arrependidas, à observação por piedosas mulheres, sem votos, das regras das ordens terceiras e uma espécie de convento com votos particulares e clausura, mas que funcionavam sem a autorização real.

Neste contexto temos a história de uma negra, ex-escrava e ex-prostituta a fundar um “convento de recolhidas, ou casa de recolhimento”, o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, no centro do Rio de Janeiro, relatada no livro de Mott sobre Rosa Egípcia.

No início de 1751, a ex-escrava Rosa Courana relata que ouvira uma voz vinda de um Cristo Crucificado que dizia: “Segue-me!” e logo após tornou a ouvir: “Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz é o teu nome, segue-me!”. Neste ano ela dá um novo rumo à sua vida, converte-se e em 1754, no Rio de Janeiro, dá início à construção do Recolhimento de Nossa Senhora do Parto.

Ficou à frente da casa de Recolhimento, porém o seu nome não aparece como regente. Mott diz: “Rosa nunca foi oficialmente regente do parto. Negra, ex-prostituta, tropeçadamente alfabetizada, vexada por um espírito irrequieto, não oferecia as condições mínimas para merecer nomeação por parte do bispo. Não obstante recair em outra beata a direção oficial desta casa recém-fundada, segredava o capelão do recolhimento a seu compadre Arveloz: ‘Nada se faz sem a ordem da regente, e o que ela diz, se faz, sem pôr em dúvida, e Vossa Mercê bem sabe quem é a regente... Vossa Mercê e o Padre

João Ferreira e todos os mais tem nela uma grande protetora. Por hora não posso dizer mais nada'. No papel, e à vista do Bispo, Maria Tereza do Sacramento era a regente; na prática, contudo, era a negra quem mandava, tanto que a partir desta época passa a ser chamada por todos de madre: Madre Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz. Tinha então 36 anos.”.

A história de Rosa não foi muito diferente da história de tantas outras fundadoras. Sofreu perseguições, foi caluniada até chegar à expulsão do recolhimento que fundou.

Essa casa de recolhimento que, em princípio, pensava-se, que seria para abrigar as madalenas, chegou a abrigar: mulheres e moças de classe sociais diversas, donzelas, ex-escravas, brancas de “sangue puro”, idosas...

Dagoberto José Fonseca, em seu trabalho de doutorado, defendido em maio do ano 2000, na introdução do cap. II intitulado como: “Do corpo visível à mulher invisível: miopia, clausura e silêncio”, diz que: “A identidade não se reduz e não se fixa no tempo, ela se faz no dia a dia de nossos corpos, de nossas vidas”. E que foi a partir dos anos 60 que houve uma abertura significativa para a presença de afrodescendentes na Vida Religiosa. Porém somente na década de 90 é que começa um esforço maior para se relacionar vida religiosa e etnias e as menções sobre a presença negra nas congregações.

O papa João Paulo II, em Santo Domingo no ano de 1992, diz: "Peço a Deus que nas vossas comunidades cristãs surjam também numerosas vocações sacerdotais e religiosas, para que os afro americanos do continente possam contar com ministros provenientes de vossas próprias famílias". Porém temos dados que antes do Concílio Vaticano II, as Missionárias de Jesus Crucificado foram a primeira Congregação a aceitar candidatas negras para ingressar em suas instituições.

O Bispo Dom José Maria Pires no prefácio da obra *Tecendo memórias, gestando futuros*, ente outras coisas nos esclarece que: precisamos levar em consideração a época em que se deu o ingresso dessas irmãs e o que isso significou em termos de história e avanço. O Instituto surgiu na primeira metade do século XX, e naquela época o preconceito em relação à raça negra ainda era muito grande. Havia dificuldades para o ingresso na vida religiosa tanto para os homens, quanto para as mulheres, onde, contrariando o Evangelho, a discriminação era ainda maior.

Um dos empecilhos era a relação feita entre a cultura e as religiões de matriz afro, consideradas pagãs ou coisa do demônio e o mito de que o negro ou a negra não conseguiria viver a castidade.

As constituições das ordens e congregações femininas, geralmente, vedavam o acesso as jovens da raça negra. Isso permaneceu até o Concílio Vaticano II que de certa forma fez com que as constituições fossem revistas e adquirissem uma postura mais evangélica. Dom José traz o exemplo de sua irmã que teve o seu pedido de ingresso em uma Congregação negado, porque as constituições não aceitavam mulheres negras.

Diferentemente de outras Congregações, o Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado abriu as suas portas e admitiu candidatas negras e isso se deu em um

período anterior ao Concílio Vaticano II. A forma de pensar e se viver a religião ainda trazia em si traços de um triste período de discriminação e segregação.

Seus fundadores, Maria Vilac e Dom Barreto, foram visionários ao abrir suas portas, contudo ainda não tinham uma visão profética e evangélica que os levassem a superar o racismo vigente naquela época, presente também nas estruturas e organizações da Igreja Católica.

Houve dois momentos: um em que um grupo de moças piedosas, negras e brancas, se distinguiam pelas obras de misericórdia e vida de oração, em que não havia distinção entre as que participavam, e um segundo momento, em que a associação piedosa se transformou em uma congregação religiosa (ainda de direito diocesano). Nessa nova realidade, por certo tempo, somente as brancas foram admitidas.

As negras foram admitidas em cerimônia posterior e muito menos solene, para constituir uma espécie de segunda classe, a classe das conversas.

Antes, no grupo inicial do qual faziam parte as negras e no qual era líder Maria Vilac, todas participavam de tudo. Depois na Congregação que se iniciava, as conversas deviam ocupar-se dos trabalhos internos, e só as brancas iam para o apostolado fora de casa.

Dom José nos diz que o preconceito era vivido, experimentado pelas duas partes, se por um lado o branco se considerava superior só pelo fato de ser branco, por outro o negro, de modo geral, tinha o complexo de inferioridade e se considerava menos virtuoso, menos capaz, menos inteligente que o branco. Afirma que essa postura, que favorecia a segregação, era alimentada por muitos superiores.

No decorrer do livro, os autores nos trazem vários relatos em que essa discriminação é clara. Mas houve o período de emancipação, período em que buscava-se não diferenciá-las por classes e as oblatas puderam finalmente galgar novos espaços, novas frentes de trabalho dentro da Congregação. Em princípio, as oblatas teriam que passar novamente por todo processo de formação, o que causou um grande mal estar em relação aos votos anteriores. Mas um decreto de Roma desautorizou a obrigação desse novo processo formativo. O segundo passo foi buscar a promoção através dos estudos.

Foi um período intenso, de sobrecarga de trabalho, uma vez que além das suas atividades diárias, elas tinham que dividir o seu tempo com a pastoral e com os estudos. Para muitas, a pastoral não se caracterizou como um grande desafio, pois antes de entrarem para a Congregação elas já exerciam esse trabalho de inserção.

Foi uma mudança de época e o momento clamava por ser vivido e lido na dinâmica de uma época de mudança. Os pré-conceitos não deixaram de acontecer, tanto no que diz respeito às coirmãs quanto no que diz respeito à sociedade não acostumada a ter uma irmã negra em um cargo de liderança.

Em 1979, grandes expectativas se criaram em relação à Conferência de Puebla, mas essa só trouxe uma pequena frase como nota de rodapé que dizia: “Infelizmente o problema dos escravos africanos não mereceu a suficiente atenção evangelizadora e

libertadora da Igreja”. Falava-se na opção preferencial pelos pobres. E quando se lia pobres, ali se incluíam os negros e negras.

Puebla pode não ter se expressado de forma mais clara em relação aos problemas enfrentados pelos tantos negros católicos que já atuavam e outros que não participavam das comunidades, mas junto com outros documentos abriu espaço para um trabalho mais ativo da Vida Religiosa Consagrada (VRC) junto às populações mais carentes. Como foi o caso das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado.

Atualmente como está a caminhada da VRC negra feminina, qual a sua contribuição para a Pastoral Afro-brasileira e como é a sua atuação em suas congregações e pastorais?

Em entrevista concedida a revista “Rogate” e publicada no site da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) em março de 2016, a religiosa Rosinha Martins, missionária scalabriniana, quando questionada, “Na condição de mulher e negra, há barreiras que a incomodam no seguimento a Cristo?”, respondeu:

“Toda mulher, e negra, encontrará barreira na sociedade para se desenvolver como ser humano, profissional e intelectualmente e, da mesma forma, na Igreja, pois os espaços são limitados, infelizmente, e é bom salientar que isso acontece de maneira sutil, quase imperceptível, a ponto de uma mulher negra, que não tenha consciência de sua importância e de seu papel como tal, na Igreja e na sociedade, passar a vida toda como sendo a pessoa mais feliz do mundo – sem nenhum tipo de ascensão que lhe garanta ou lhe devolva a dignidade – e permanecer sempre como subalterna. Desde a minha adolescência, sempre enfrentei desafios. Fiz cursos, apoiada por meus pais e, quando vim para o convento, estava bastante adiantada. Na congregação sempre estudei. Fiz filosofia, teologia, jornalismo, inglês, italiano e agora francês. E, aliás, me lembro que na cidade de Cascavel (PR) fui uma das primeiras mulheres a entrar no curso de teologia, aquele de quatro anos, específico para sacerdotes. Nunca, porém, com a intenção de me tornar uma sacerdotisa, mas aprimorar os conhecimentos acerca de Deus e da sua revelação, para melhor servir à Igreja que amo e ocupar o meu espaço como mulher, de maneira mais eficaz. A Vida Consagrada e a Igreja estão inseridas na sociedade e, por isso, os desafios de nos confirmar como negros e fazer valer a nossa identidade ocorrem de modo diferenciado. São desafios para uma vida toda, uma conquista de cada dia. Devo confessar que ser negra numa sociedade patriarcal e racista não é tarefa fácil. A algumas pessoas (principalmente colegas de Vida Consagrada) que me dizem ser uma negra de alma branca, costumo responder, em tom de brincadeira, que ‘se alma tiver cor, quero que a minha seja tão negra quanto a cor da minha pele, para haver coerência, harmonia e sinergia entre corpo e espírito’.

No intuito de continuar o debate sobre essas questões iniciamos uma etapa de entrevistas e questionários.

Irmã Cleia: Questões:

1. Como você conheceu a sua congregação?

Através de uma missão paroquial. Posteriormente, encontros vocacionais.

2. *Como foi o teu chamado a seguir Jesus e em que ano isso se deu?*
Nossa, eu senti estranho. Como algo novo e que me faltava. Não sabia o que era, mas quis descobrir. A vida que eu vivia, não me preenchia. Assumir algo na missão da Igreja como aquele dia, foi minha curiosidade. Eu podia fazer algo na igreja, eu podia fazer algo para as pessoas e sobretudo ser feliz, então embarquei...
3. *O que você pensava em relação à vida religiosa e hoje, o que você pensa?*
Eu vi que se apresentava animada, profética, dinâmica, presente...uma vida muito atraente para pessoas que queriam viver o batismo. Hoje vejo com mais maturidade, tem tudo isso, mas construído gradativamente, por cada pessoa, processo, às vezes pra frente e às vezes não. Talvez esteja ainda mais atraente, pq é desafio.
4. *O que te atraiu e ou atrai?*
Os desafios.
5. *Você foi convidada ou procurou a congregação?*
Eu fui convidada.
6. *Ao chegar como foi recebida?*
Muito bem.
7. *Qual o seu grau de instrução?*
Eu estudei Biologia, Licenciatura Plena e depois Enfermagem
8. *Teve algum incentivo para dar continuidade em seus estudos? Se sim, você aceitou? Se não aceitou, qual foi o motivo?*
Minha congregação sempre incentiva e investe nos estudos.
9. *Se não houve o incentivo. Por que você acha que isso aconteceu?*
(Não se aplica)
10. *É comum você ouvir das irmãs a seguinte frase: “Somos iguais...”?*
Das mais velhas, nunca. Das jovens, sempre.
11. *E o que você pensa sobre isso?*
Penso que é sinal de insegurança de ambos os lados.
12. *A Bianca Santana tem um livro intitulado: “Quando me descobri negra”. Minha pergunta é: Quando você se descobriu negra, que é diferente de se perceber negra, você consegue perceber a diferença?*
Sim. Uma é a aceitação, me descobri, sou negra e me aceito, qualidade. A outra me parece ser para dados estatísticos, sei lá, quantidade.
13. *Você tem consciência da tua história? E da sua ancestralidade?*
Muito pouco
14. *Qual a religião predominante na tua família?*
Católica
15. *Conhece o GRENI (Grupo de religiosos e religiosas negros/as e indígenas)? Já fez parte de algum grupo, coletivo que tivesse como pauta a negritude? Conheço o GRENI, na minha região participei dele.*
16. *Em tempos de formação (postulinter, novinter, juninter...), esse tema foi colocado e debatido? Ou só achavam bonitinho o canto Negra Mariama, sem nenhum aprofundamento daquilo que estava sendo cantado?*
Sim. Apenas nas formações intercongregacionais.
17. *E dentro das casas onde você passou, havia espaço para se conversar sobre essa questão?*

Não muito.

18. *Na vida conhecemos várias personalidades. Tem alguma que você se espelha? É negra? E há algum personagem negro, dentro da nossa história religiosa que te inspira?*

Eu gosto da história do Luther King, Zumbi tb. Mas infelizmente não os tenho como inspiração.

19. *Você já trabalhou, diretamente ou indiretamente com a população negra, quilombolas etc...?*

Não

20. *Como você vê o papel da religiosa nessas comunidades?*

Importante.

21. *O que significa ser religiosa nessas comunidades? Como o povo te enxerga?*
Ser presença de esperança e de conscientização constante. O povo busca seus espaços, suas realizações e valorização. A vd. Religiosa desperta um pouco isso.

22. *Depois deste bate papo, quais são as tuas perspectivas para o futuro?*

Por enquanto vivendo as várias crises do hoje. Não perco esperança. Acho a vida do povo muito dura, difícil, sei que há algo muito bom vindo a partir do hoje, tenho acreditado no que Deus nos revelará.

Entrevista: Ir. Maria Lúcia

Em um primeiro momento foi colocado para a irmã Maria Lúcia o motivo da entrevista, explicando para ela o que era o PIBIC e o objetivo do trabalho.

Tem como uma base principal a vida religiosa Negra desde seu início até agora no Brasil.

E a proposta principal, fundamental, o que gerou na verdade o meu interesse por fazer essa pesquisa, é que se vê uma grande evolução da negritude nas comunidades em relação ao se descobrir como pessoa, como negra e como parte integrante deste mundo e também amada por Deus. Essas pessoas nas comunidades têm esse sentimento e conhecimento, muitas vezes até muito mais do que o negro que vive no asfalto, integrante de uma classe média, que frequenta escolas particulares, onde geralmente são minoria, e que não tem nenhum contato com a negritude, nem mesmo através das religiões afro.

A proposta da pesquisa é a pessoa como religiosa e consagrada estar trabalhando este lado espiritual dentro das suas obras. Três coisas me movem: uma palavra de um norte-americano em um documentário em que ele falava sobre a missão colonizadora, ou o missionário colonizador que vai lá com intuito de ajudar o negro, mas não leva em consideração as diferenças e na, verdade não permite que o negro se desenvolva e se reconheça como tal dentro da realidade em que vive; e outra a fala de uma religiosa, que chegara da África havia mais ou menos uns seis meses, onde ela constatou que, na realidade de Moçambique, o negro ainda se considerava inferior ao branco, que chegou lá há tempos a fim de colonizar. Ela falava até com grande estranheza que o negro retinto, aquele com a cor de pele mais escura, demorava a arrumar casamento por conta do preconceito que havia lá entre as pessoas. Outra foi o relato de uma mãe que se

assustou com uma fala da filha de seis anos, que brincava sozinha ao ser preterida pelas outras crianças. Quando abordou a filha que estava só, recebeu como resposta: “isso é assim mesmo mamãe...”.

Voltando a Moçambique, mesmo dentro de nossas casas de Formação: A Nossa Senhora que nós temos é uma Nossa Senhora branca. Não que lá eles encarem que a Nossa Senhora branca seja encarada da mesma forma que nós encaramos a nossa pretinha, mas é que o branco lá para o moçambicano ainda exerce um cargo de superioridade, e de certa forma a gente traz isso na nossa forma de agir nas nossas missões. E de que maneira a gente pode estar modificando isso? Promovendo verdadeiramente vida e fazendo outras coisas que mudem de verdade essa forma de pensar e agir?

Ir. Maria Lúcia: Existe ainda o GRENI?

Heloísa: Eu estou tendo dificuldades para colher os dados. O GRENI não existe mais no Rio de Janeiro. Tem um site em Minas Gerais, mas que também não funciona. Recebi um e-mail de uma irmã de Brasília, mas muito pouco se fala. Então essa pergunta se ainda existe o GRENI fica como uma grande interrogação para mim.

(Silêncio e risos...)

Heloísa: Como você conheceu a sua congregação?

Ir. Maria Lúcia: Eu conheci as irmãs da congregação em Ipatinga. Eu estudava de noite no colégio das irmãs e trabalhava em uma família como doméstica lá em Ipatinga mesmo e lá indo e vindo eu sempre encontrava com uma irmã que se chamava irmã Tereza Maria de manhã, e aquele Bom dia dela também cada dia me incentivava ter coragem e a procurar as irmãs.

Heloísa: Como foi o teu chamado a seguir Jesus e em que ano isso se deu?

Ir. Maria Lúcia: Esse chamado teve por muitas vezes, não sei precisar o tempo que foi, mas ali desde eu criança, as reações que eu tinha diante das irmãs e mesmo na família, eu sentia alguma coisa, mas eu não sabia o que era. Eu só me lembro que uma vez, (eu não conhecia irmãs) eu disse que se eu fosse homem eu queria ser padre.

Heloísa: O que te atraiu ou atrai?

Ir. Maria Lúcia: Quando eu tinha hum... meus oito anos, estudava em uma escola, eu era interna. Ia de manhã e voltava à tarde, mas ao meio dia, quando eu achava porta da escola aberta, lá onde eu estava, eu fugia pra ir pra igreja matriz porque lá tinha as irmãs, que estavam ali rezando ao meio dia. Eu esperava elas saírem, todas de mãos postas, com um chapéu bem grande branco. Elas olhavam para mim e faziam inclinação com a cabeça. E eu me emocionava, eu era pequena, e me vinha às lágrimas. Isso para mim já era um chamado.

Uma vez na Igreja de São Pedro, um padre disse para mim que, quando eu quisesse ser irmã, era para eu ir lá falar com ele. Mas ele não sabia desse meu desejo e

isso foi me incentivando a procurar cada vez mais, até que eu fui estudar no Colégio Santa Clara à noite, pois durante o dia trabalhava como doméstica.

Depois eu conheci a irmã Emilia e a irmã Maria. Eu ia lá sempre para conversar com a irmã Emilia e foi assim que eu cheguei até aqui.

Heloísa: Quando você era criança e fugia para essa igreja, que ficava olhando para as irmãs, tinha alguma negra no grupo?

Ir. Maria Lúcia: Não me lembro, hoje em dia tem. Eu já fui até na comunidade delas, almocei por lá com a minha irmã, mas isso foi agora, depois que eu já era irmã, mas quando eu era criança eu não me lembrava de olhar se tinha negro ou não. Isso eu não me lembro.

Heloísa: Você se identificava com elas de alguma forma e queria ser igual a elas?

Não me lembro se eu queria ser igual a elas. Naquela época eu não sabia nada. Eu gostava de ir para lá. Quando era meio dia eu fugia para lá e ficava até sem o almoço. Depois eu voltava para a escola.

Heloísa: Então o padre falou para você que, se você quisesse ser irmã, era para procurá-lo.

Ir. Maria Lúcia: Eles diziam ser freira.

Heloísa: Esse convite partiu de outra congregação ou não? O primeiro passo partiu de você na busca pela vida religiosa?

Ir. Maria Lúcia: Sim, na busca fui eu. Mas eu sempre tinha os convites, ou espiritual ou convite por pessoas.

O primeiro convite que tive foi junto com uma colega. Nós éramos filhas de Maria e ela também tinha o desejo de ser, mas eu fui para Minas. Fui trabalhar e me perdi dela. Quando eu voltei para casa, ela não ia mais, pois seus pais não deixaram. Ela se chamava Cecília.

Heloísa: Você tem mais ou menos a data em que foi isso? O ano?

Ir. Maria Lúcia: Não, eu devia ter uns 16 anos por aí.

Heloísa: Hoje você está com quantos anos?

Ir. Maria Lúcia: 72.

Heloísa: Oh! Tem tempo não?

Ir. Maria Lúcia: Sim tem muito tempo, mas da Cecília eu me lembro. A gente ia dar catequese juntas. Não tinha nem igreja. Eram ranchos de sapê e lá se reuniam as crianças e eu ia com ela às 9:30.

Heloísa: Então a irmã Regina veio na sua frente e você já estava decidida a vir?

Ir. Maria Lúcia: Estava decidida, mas como eu estava naquela família e a gente estava em processo de encontrar uma outra pessoa, eu não poderia vir embora e deixá-los na mão. Assim a Regina veio logo e eu aguardei.

Heloísa: Mas esse tempo que você estava na família, você frequentava a casa das irmãs com mais frequência?

Ir. Maria Lúcia: Eu ia lá de vez em quando, conversar com elas. Na verdade, só com uma pois nós não passávamos da porta. Ela me levava para uma sala de aula e queria saber como eu estava, como eu ia. Ela colocava umas músicas para eu escutar. Não tinha essa promoção que se tem hoje. Tudo na base daquilo que o Espírito Santo inspirava.

Heloísa: E quando você chegou na congregação, como você foi recebida? Eu acho que você e a irmã Regina foram as pioneiras, em relação a negritude, aqui; ou não? Tinha outras negras aqui? Retintas como nós?

Ir. Maria Lúcia: Não, como não tem até hoje.

Heloísa: Ué o que eu estou fazendo aqui? rs rs rs

Ir. Maria Lúcia: Agora é que estão entrando as moreninhas: assim que nem essas que vieram do Maranhão, você que é negra que nem eu. Lá em São Paulo (nossa outra província) tem a Elaine, que foi criada com as irmãs desde pequena, mas não tinha, aqui pelo menos ninguém.

Mas eu não tive nenhuma dificuldade no meio. É isso que você quer saber?

Heloísa: Sim, como você foi recebida?

Ir. Maria Lúcia: Eu fui muito bem recebida. Bem tratada. Às vezes a gente via certos olhares de um e de outro, mas eu não tinha essa consciência do racismo. Nunca tinha sofrido isso.

Heloísa: Não tinha consciência do racismo dentro do convento?

Ir. Maria Lúcia: Sim, daí eu achava que as irmãs eram assim mesmo, umas meio sérias.

Nunca tive problemas com as mestras, e nem com as companheiras, nunca senti nada, nada...

Heloísa: Mas foi lhe negado uma vez a oportunidade de trabalhar com artes né? Foi lhe oferecido pela irmã Alberta a oportunidade de trabalhar com pintura, já que você tem habilidades, dom para isso, então foi solicitado à irmã que lhe acompanhasse...

Ir. Maria Lúcia: Mas a irmã nunca me chamou. Disse que um dia iria me chamar, mas até hoje... Nunca me chamou.

É isso faz parte. Não sei, pois até hoje só existe ela ali que pinta e já está com noventa e poucos anos...

Heloísa: São as cruzes que passamos, as cruzes que nossa mãe espiritual Santa Júlia passou...

Ir. Maria Lúcia: Mas também não me passou isso pela cabeça que podia ser por causa da cor... (tempos atrás em uma conversa Lúcia havia interpretado essa atitude da irmã como uma forma de racismo)

Heloísa: Você teve algum incentivo para estudar? Você completou o ensino médio (antigo segundo grau)?

Ir. Maria Lúcia: Terminei, tive bastante dificuldade com a matemática. Eu terminei aqui o segundo grau e quando eu terminei a irmã perguntou se eu queria fazer a faculdade e eu disse que não. Se eu queria fazer o vestibular. Eu disse que não, mas naquela hora que ela me perguntou, eu estava dando graças a Deus de eu ter terminado, eu estava cansada, eu estudava a noite. Eu já tinha uma idade... Eu disse não. Eu não quero mais.

Heloísa: Uma coisa muito boa, nunca te foi negada a oportunidade de estudar, pelo contrário, a irmã chegou perto de você para perguntar. Você lembra qual irmã?

Ir. Maria Lúcia: A irmã Marcela, ela era superiora na época.

Heloísa: Você não quis porque se achava muito cansada.

Ir. Maria Lúcia: Na época eu estava cansada. Eu dei essa resposta, mas também não voltei mais atrás não.

Heloísa: Mas porque você não quis?

Ir. Maria Lúcia: Porque eu era muito fraca em matemática, eu não iria conseguir.

Heloísa: Você achava que não iria conseguir, mas nem tentou?

Ir. Maria Lúcia: Não, eu só terminei o segundo grau.

Heloísa: Houve outras oportunidades, outros convites para você ir além?

Ir. Maria Lúcia: Continuar a estudar? Não mas...

Heloísa: E dentro da congregação assumiu quais funções? Colégio, hospitais?

Ir. Maria Lúcia: Não, nem colégio e nem hospital, eu continuei aqui no serviço de casa, eu já estava aqui. Agora eu sou responsável pelo pessoal da limpeza, compra de material de limpeza... Essas coisas assim...

Heloísa: E fora desse espaço? Na paróquia, o que você fazia?

Ir. Maria Lúcia: Eu fui catequista alguns anos aqui.

Heloísa: E como era ser catequista aqui no Sul?

Ir. Maria Lúcia: Para mim normal, em São Paulo eu também fui catequista...

Heloísa: Você conhece o GRENI, Participou de alguma reunião? Como você conheceu?

Ir. Maria Lúcia: Eu participei do GRENI. Era o encontro dos religiosos negros e indígenas. Eu participei lá no Rio. Eu ia sempre nesses encontros e também nos encontros de juniorato. Lá uma vez, eu não sei bem o que aconteceu, mas eu tive que falar, fazer uma entrevista até com o bispo, sobre o que tinha acontecido nesses encontros de GRENI.

Heloísa: Você lembra quem era o bispo na época?

Ir. Maria Lúcia: Sim, Dom Romer. Não sei bem o que aconteceu. (Sincretismo religioso?) Só sei que teve um encontro muito bonito. Uma celebração, que não me lembro mais o que foi. Sei que depois ele esteve lá. Creio que foi até a provincial. Disseram que eu falei alguma coisa. Mas tinha outras irmãs com o mesmo nome que eu.

Ele me fez umas perguntas, mas ficou tudo bem.

Depois eu vim para cá e andei indo nesse encontro, algumas vezes, mas eu não achei positivo. Não achava positiva a maneira como eles falavam, em vez de incentivar a sair dessa coisa de racismo...

E tiveram muitas irmãs novas, juniorista que saíram nessa época. Elas ficavam muito revoltadas com aquilo da história mesmo, porque eu acho que foi pego muito de cheio. Então as pessoas ficavam revoltadas com o jeito como eram tratados os negros.

Heloísa: Mas o que era passado que você acha que não era bom?

Ir. Maria Lúcia: Pois é, não me lembro bem o que se passava, mas sei que era da história dos religiosos negros.

Heloísa: Mas, Lúcia, a história não pode ser apagada, ela tem que ser conhecida.

Ir. Maria Lúcia: Pois é, mas tiveram pessoas que não aceitavam. Parece que separava cada vez mais brancos e negros.

Heloísa: As diferenças existem e elas têm que ser conhecidas e vistas, não em nível de separação. As diferenças tem que ser conhecidas para serem respeitadas e se construir um mundo melhor, de respeito... Então o que era passado lá não te ajudava na tua compreensão como pessoa?

Ir. Maria Lúcia: Não, para mim não fez muita diferença. Eu compreendia tudo, eu sabia tudo, pois era história, mas tinha gente que chorava e se sentia muito para baixo.

Heloísa: Mas você chegou a perguntar o porquê das lágrimas?

Ir. Maria Lúcia: Não porque eu não tinha muita intimidade com elas. O que eu sei foi o que me disseram.

Heloísa: Será que o que era passado lá, ajudou a elas se compreenderem como pessoa? Bem tudo o que falarmos a esse respeito seria uma hipótese, pois não estávamos na cabeça das meninas.

Ir. Maria Lúcia: Mas eu só sei que elas ficavam muito revoltadas.

Heloísa: Mas para você? O que era passado lá conseguiu mostrar para você, fazer você se descobrir? Por exemplo: Eu sempre estudei em colégios particulares e a minha realidade era ser a única negra do colégio, e no primeiro dia de aula quando eu chegava em casa a minha mãe sempre perguntava quantos negros tinha. E em cima disso eu era sempre obrigada a estudar muito e a superar. Sempre ter um nível acima para alcançar outros lugares. Mas eu só fui me descobrir como negra, apesar de ter consciência da minha cor. Da história da história que me passava nos colégios que não é a história verdadeira. Eu só fui descobrir a minha essência como pessoa, como o ser bonito que o negro é, quando comecei a trabalhar e fui morar na casa de uns primos meus e conheci outros negros ali que tinham mais ou menos o nível social, intelectual que eu tinha. Eram negros com uma faculdade, que conseguiram projeção em seus trabalhos e que frequentavam os bailes de sharm (esses bailes aconteciam em clubes de dança onde a presença negra era majoritária). Então foi assim que eu me conheci e na trajetória do negro, a descoberta de si como pessoa se dá muito tardiamente.

Heloísa: Como foi essa descoberta para você? O GRENI te ajudou, a congregação te ajuda?

Ir. Maria Lúcia: Como assim, que eu sou negra?

Heloísa: Não isso você sabe, mas no sentido de se descobrir como pessoa, que o negro não é menos capaz, não é inferior. Ter consciência de que o negro não consegue dar passos porque o Brasil foi um país colonizado, e que a pessoa do branco não é superior à pessoa do negro. Você consegue perceber isso? Que você não precisava ter desistido de fazer a faculdade naquela época porque as mesmas dificuldades que você tinha outras pessoas teriam também independente da cor? O negro não está abaixo por questões de capacidade. Isso passou por tua cabeça?

Ir. Maria Lúcia: Não eu simplesmente desisti.

Heloísa: E na congregação se conversa sobre as questões raciais?

Ir. Maria Lúcia: Eu nunca precisei conversar sobre isso, eu nunca...

Heloísa: Você acha que nunca precisou conversar?

Ir. Maria Lúcia: Nunca precisei, por exemplo, tem gente que me chama de "nega, preta"

Heloísa: Sim, de uma maneira carinhosa?

Ir. Maria Lúcia: Sim, mas eu nunca me importei com isso.

Heloísa: Mas essa conversa ela é importante para você colocar para o outro a sua história, a história real e diminuir essa questão das diferenças que existem hoje em dia. Aqui no Sul, principalmente ouvimos muito as histórias do alemão, do italiano de como eles trabalharam e conseguiram alguma coisa, mas o negro chegou aqui escravizado e só com muito esforço consegue alguma coisa porque na consciência geral ele é tido como inferior e preguiçoso e não consegue dar passos para modificar a vida. A consciência de si é importante e trazer isso para o diálogo dentro de uma estrutura, onde a gente tem o poder entre aspas de estar modificando a vida de outras pessoas, isso é muito importante: Você se descobrir como tal para ajudar essa galera a se descobrir como tal, dentro dos princípios evangélicos que é aquilo que a gente prega, não acha?

Ir. Maria Lúcia: É, eu estou escutando essa conversa aí pela primeira vez, mas dentro mesmo da comunidade eu nunca escutei uma conversa assim. Nunca foi puxado e eu também nunca senti essa necessidade de falar sobre isso, porque eu nasci negra, sei que sou negra, me vejo como negra e me gosto assim. Então eu não sei te dizer diferente assim, de levar para o diálogo, porque eu acho que nem iria saber o que falar.

Heloísa: Você acha que não iria saber o que falar? Como assim?

Ir. Maria Lúcia: O que falar sobre a minha história. Sei que meus antepassados vieram da África e certamente foi de uma colônia portuguesa pois o meu sobrenome é Oliveira, que é o nome que ganhavam dos seus senhores. Mas houve uma história com os avós de minha mãe. Bem o que sei é que eu sou descendente de africano e português. Esse nariz achatado já diz...

Heloísa: Teu nariz é lindo...

Ir. Maria Lúcia: Lindo?! (Risos!!)

Heloísa: Sim, lindo sim. Eu acho que é justamente em relação a isso que nós temos que lutar. Temos que nos olhar no espelho e achar o nosso nariz lindo...

Ir. Maria Lúcia: rs rs rs, mas não precisava ser tão grande... Mas é assim por causa da mistura.

Heloísa: Mas temos que nos considerar lindas do jeito que se é.

Ir. Maria Lúcia: Sim, com o que é próprio da raça.

Heloísa: Então o que está acontecendo hoje em dia, nos grandes centros: no Rio Grande do Sul há grupos fortes, conscientes com essa luta do negro, onde ele toma o seu lugar de fala e se identifica como pessoa, porque aqui as diferenças são maiores...

Então quando eu vim para cá, eu vim bastante apreensiva por estar vindo para o Rio Grande do Sul e procurei logo algumas pessoas que me ajudassem a ter estrutura suficiente para aguentar qualquer pancada que viesse pela frente, de qualquer lado seja da comunidade a qual eu faria parte, seja de fora. Então esse movimento nas comunidades já está eclodindo bem mais, essa percepção do negro como pessoa empoderada, que pode, que quer. O negro nas comunidades já consegue assumir o seu lugar de fala, há muitas políticas que trabalham essa questão. Me dá muita alegria chegar naquele pátio da PUC e ver a quantidade de negros e negras andando para lá e para cá fazendo vários cursos. Isso é muito bom. Infelizmente ainda não é a maioria. Algumas famílias, como a minha, há um grande incentivo para estudar, tanto que na minha casa todos estudaram, e outras famílias não. Ou são mais conformistas ou não se acham capazes de assumir outro lugar, já se acostumaram. Mas isso não tem que ser assim, a gente nas nossas escolas pode fazer com que os outros se descubram também, e não demorem tanto quanto eu demorei, chegar aos 25, 26 anos para se descobrir. Passem a sonhar com o futuro que ela acredita, ou seja dentro das artes plásticas, da arte como um todo, da música, nas exatas, na saúde enfim. Esse passo a gente pode dar e essa mentalidade de que com esse trabalho aqui se pretende fazer com que mude um pouco essa forma de você levar o Cristo para eles.

Heloísa: Quando eu falo para você: uma missão colonizadora, o que você entende?

Ir. Maria Lúcia: Missão colonizadora? Missão é aquilo que a gente vai fazer e colonizar eu não entendo não.

Heloísa: Você entende aquela parte do Brasil onde nós fomos colonizados por Portugal. Então a palavra colonizadora vem em um viés de cima para baixo, onde você não dá muito espaço para que o outro seja ele mesmo. Os colonizadores chegaram nas Américas destruindo toda uma cultura porque eles estavam interessados somente no ouro. Então o colonizador carrega também o estigma de que ele destrói a cultura daquele lugar.

Ir. Maria Lúcia: A gente viu isso naquele filme a missão. É terrível! Eles estavam com os índios e em um determinado momento, mataram os índios. Você tem que assistir esse filme.

Heloísa: E quando eu te falo que na nossa casa de noviciado em Moçambique, a imagem da Nossa Senhora é branca? O que você pensa? Sendo que nós temos várias imagens, representações de Nossa Senhora africana.

Ir. Maria Lúcia: Olha eu não sei, mas eles deveriam ter a nossa senhora negra também, como nós temos a Nossa Senhora Aparecida que uns dizem que é negra e outros dizem que nada, que era de madeira e escureceu porque caiu na água. Quer dizer que não aceitam, isso é não aceitar também. Mas a Nossa Senhora em cada lugar que ela

está, pode se apresentar com outro nome, assim também pode se apresentar com outra cor. Assim como na Índia em que ela aparece da cor dos indianos, aqui no Brasil tem a Nossa Senhora Aparecida, mas tem outras que vieram do estrangeiro: Fátima, Lourdes... Mas em questão de Nossa Senhora, as imagens que primeiro conhecemos são essas e a gente sabe como é que é. Eu não me apaguei muito nesse tipo de dificuldade não. E quem vai saber? Acho que Nossa Senhora não era assim, tão branca de olhos azuis. Nossa Senhora era morena, pelo lugar de onde ela era. Jesus também.

Heloísa: E o que significa para você Nossa Senhora morena e Jesus também?

Ir. Maria Lúcia: Sim para mim significa somente uma representação porque ninguém viu.

Heloísa: Sim, mas você está falando o que você acha, por conta da região que ela nasceu. E o que significa isso para você ela poder ter sido da nossa cor e não somente de cor branca?

Ir. Maria Lúcia: Para mim, se fosse negra ou branca tanto faz, porque é a mãe de Deus. Por quê? Para você não?

Heloísa: Não, porque não retratar da maneira como ela verdadeiramente era? Será que não é, ainda uma maneira de você continuar com essa missão colonizadora onde a minha raça ainda é melhor? E por que não, não se trabalhar em África com uma imagem de Nossa Senhora que tenha verdadeiramente uma grande ligação com aquelas irmãs que estão lá? Para tentar até modificar a realidade daquelas pessoas, de forma que elas não queiram passar pó de arroz no rosto para ficar com o rosto mais claro?

Ir. Maria Lúcia: Ah, entendo...

Heloísa: Se pararmos para pensar, já estamos em África há muito tempo, não só nossa congregação, e não conseguimos fazer com que elas se sintam valorizadas pela cor que tem e se sintam pessoas empoderadas. Isso nós podemos fazer aqui em nossos colégios não somente em relação a raça e cor, mas também em nível de classe social, no caso do Rio de Janeiro, de favela e asfalto. O negro norte americano norte-americano já deu esse passo. Ele consegue se identificar. E isso independe da cor da pele.

Ir. Maria Lúcia: Eu assisti, em um noticiário, duas meninas com pele bem escura e elas diziam que não queriam clarear porque aquela era a sua cor e que elas se achavam lindas.

Heloísa: Na verdade o meu sonho é que todas as meninas, crianças tenham essa autoestima alta. Não só para a população negra, mas também para a branca que mora nas favelas, que elas também. Como todas as crianças, possam sonhar com um futuro diferente. De certa forma, fazer com que todos tenham a experiência do Deus Bom e Providente. Não em só dar as coisas, como se eles não fossem capazes de assimilar, mas dando a oportunidade de eles se reconhecerem e traçar o seu próprio caminho.

Ir. Maria Lúcia: Mas esse negócio de negro, eu mais ouvi falar aqui no Sul. Pois nasceu no Brasil é negro, pode ser branco, mas nasceu no Brasil é negro. Quando eu

estava estudando aqui tinha uma menina que tinha horror de ser chamada de negra, pois o pai dela era chamado de o negro que trabalhava e ele era branco, mas era brasileiro.... Ouvi muito assim: as crianças brancas descendentes de italiano e alemão são as crianças, e os outros são os engenhos e muitas vezes nem são negros. Essa foi uma parte que eu achei muito esquisita. Eu não estava acostumada a ouvir isso assim. Quando iniciei como catequista em um bairro aqui próximo eu ouvia muito assim, das irmãs, os negrinhos, mas lá não tinha nenhuma criança da minha cor. Eu questionava: mas negrinhos? E ouvia como resposta: Sim são negrinhos...

Conclusão:

Desde o Brasil colônia até os dias atuais, pode-se observar que houve várias mudanças nas relações tanto da mulher negra leiga, como da mulher negra religiosa. A principal se deu no que diz respeito às oportunidades. Hoje se vota, frequenta-se universidades, está-se nas mídias e, no que diz respeito à vida religiosa, em conversa com as irmãs contemporâneas, percebe-se incentivo a estudar, já assumindo alguns cargos. Mas ainda não se chegou, tanto lá quanto aqui, a um ideal em que as diferenças sejam somente no que diz respeito à melanina. Em que o pré conceito e as definições pejorativas deixem verdadeiramente existir.

No interior das comunidades religiosas esse ascender ainda não assumiu o formato da água que faz mover o moinho, no intuito de mover outras águas e provocar uma mudança que faça a diferença na vida de tantos outros. Seja na vida de outros negros, seja na vida das pessoas que vivem em comunidades, na periferia, seja nos vários grupos de excluídos que necessitam de um “você é capaz, você consegue”! Tudo isso porque Deus é Bom e Ele, só Ele oportuniza a vida, de forma igualitária, para todos os seus.

Sem o conhecimento da história brasileira e do passado do negro, as conquistas massageiam o ego, mas ainda não são suficientes para perceber as diferenças e ousar fazer algo que vise a promover a vida dos iguais. Da forma que está, parece estar bom, opta-se por manter a ignorância, mesmo quando se tem a oportunidade de aprender. Dá-se a chance de outros “Tarzans” tomarem o protagonismo de uma história que por direito deveria ser a própria.

Referências

- 1 – AZZI, Riolando (organizador da coletânea) CEHILA- *Brasil, A Igreja e o Menor na História Social Brasileira*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.
- 2 – MOTT, Luiz – *Rosa Egípcia, Uma Santa Africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A., 1993.
- 3 – FONSECA, Dagoberto José – *Negros Corpos (I) Maculados: Mulher, Catolicismo e Testemunho*. Dissertação Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- 4 - AZZI, Riolando (organizador da coletânea) CEHILA- *Brasil, A vida religiosa no Brasil, enfoques históricos*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

5 – Coletânea – CRB Nacional, Ternura e Resistência, presença afro na vida consagrada. CRB Nacional, 2004.

6 – Conferência dos Religiosos do Brasil :. Entrevista com Rosinha Martins em 08 de março de 2016, 10h:30min. Disponível em: <<https://crbnacional.org.br/a-forca-da-mulher-na-vida-consagrada/>> Acesso em: 25 de novembro de 2019 as 20h30min.

7 - FANON, Frantz – *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

8 – Puebla. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Texto oficial da CNBB*. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1980.